

A VIDA REFLETIDA NA TV: MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NO CONTEXTO DAS AUDIÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma investigação que teve como principal finalidade estudar a relação das audiências com determinados programas da mídia, compreendendo suas preferências e as interpretações dadas por esses sujeitos às mensagens veiculadas nos programas.

Partimos da hipótese de que a escolha de certos produtos midiáticos, bem como a forma de apropriação de suas mensagens guarda relação com o universo sócio-cultural dos grupos em questão. Desejamos, portanto, compreender como as pessoas se apropriam das mensagens veiculadas pela mídia, e quais significados são produzidos, nesse processo, bem como verificar se é possível estabelecer uma relação entre esses significados e determinadas vivências e concepções de mundo.

A escolha do tema deve-se ao nosso interesse em desenvolver estudos no campo da cultura, com ênfase para os processos de produção simbólica, que se dão através da "mediação" da cultura, ou seja, via aparatos técnicos e institucionais das indústrias da mídia, considerando-se o papel fundamental desses aparatos, nas sociedades atuais.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Nossa ação investigativa está abrigada nos referenciais teóricos da Hermenêutica de Profundidade, nos levando a valorizar a relação entre contexto e

MARIA INÊS DETSI DE ANDRADE SANTOS*

RESUMO

A finalidade deste artigo é analisar a relação das audiências com certos conteúdos apresentados pelos meios de comunicação, rádio e TV, em noticiários policiais, assinalando elementos simbólicos e estéticos que permitem uma identificação dos sujeitos investigados com aqueles conteúdos. A pesquisa, de caráter qualitativo, se deu em Fortaleza, Ceará, Brasil, em 2005, fazendo parte da amostra empregados domésticos e porteiros de edifícios que assistiam e/ou ouviam regularmente noticiários policiais no rádio ou na TV.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the relationship between the audiences and the media's contents presented by radio and television, identifying the symbolic and aesthetics elements that link the audiences to these very contents. The research, of qualitative character, was done during 2005 in Fortaleza, Ceará, Brazil and is a sample of interviews with domestic employees and residences doormen who assisted or regularly listened to regular newscasts on TV or radio.

* Doutora em Sociologia, professora titular e pesquisadora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

objeto. Assim, para analisar o fenômeno em questão, consideramos os diversos aspectos sócio-culturais que estão relacionados a ele, tais como o campo simbólico, elementos da *doxa*, gêneros estéticos da cultura popular e questões estruturais como as desigualdades sociais, a pobreza e a exclusão social.

Como nosso interesse recai sobre as classes populares, os requisitos básicos para a escolha dos sujeitos que compõem a amostra são o de pertencerem àqueles estratos e de estarem permanentemente em contato com o rádio e/ou a televisão, tanto no local de trabalho como em suas casas. Assim, fizeram parte da amostra empregados domésticos que têm por hábito ouvir o "radinho" enquanto realizam suas tarefas e que, ao voltar para casa fazem também uso da televisão ou do rádio, e porteiros de edifícios que, além de terem como hábito assistir

televisão ou ouvir rádio, nas horas de folga, costumam ser, no ambiente de trabalho, audiências "cativas", em razão de permanecerem por muitas horas seguidas dentro de uma guarita, onde quase sempre dispõem de um aparelho de rádio ou de televisão.

Utilizamos dois instrumentos de coleta: o questionário, para obtenção de informações mais objetivas sobre os sujeitos da amostra, e entrevistas, que nos possibilitaram aprofundar as informações colhidas no questionário e alargar nosso conhecimento e compreensão sobre os entrevistados e sua fala.

A pesquisa se realizou na cidade de Fortaleza, no período de 2002 a 2004, tendo como base institucional a Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

ALGUMAS QUESTÕES DE ORDEM TEÓRICA

A presença cada vez mais forte da mídia na vida social tem levado os estudiosos a se preocuparem com o grau de poder, dos veículos que a compõem, no reforço e/ou na negação de determinados valores e padrões de comportamento e também com a posição das audiências, considerando seu grau de autonomia ou de dependência no que diz respeito ao processamento das mensagens.

Uma boa parte dos estudos culturais contemporâneos¹ tem assumido uma postura que compreende a relação entre os meios de comunicação e as audiências, como um processo complexo no qual os conteúdos produzidos pela mídia não devem ser compreendidos nem como textos abertos a qualquer interpretação, tampouco como simples veículos das idéias dominantes. Dessa forma, a posição das audiências não deve ser interpretada como uma posição autônoma, ainda que ativa, nem concebida como entidade passiva e dependente dos significados produzidos pelos meios de comunicação.

Como escreve Curran:

Es erróneo imaginar que los medios de difusión son accesibles de forma igualitaria para todos los puntos de vista, (...) porque los diferentes grupos sociales tienen un acceso desigual a los medios de difusión. Del mismo modo, es igualmente engañoso suponer que los medios de difusión favorecen sistemáticamente (...) 'la hegemonía de los poderosos', porque 'los poderosos' no siempre están de acuerdo y el resto no siempre está excluido (CURRAN, 1998, p. 212).

Corroborando as idéias de Curran, no que diz respeito à posição das audiências, mas reforçando a questão da desigualdade de poder, na relação entre os

meios de comunicação e estas, Morley (1998, p. 434) afirma que: "el poder de los espectadores para reinterpretar significados difícilmente puede equipararse al poder discursivo de las instituciones mediáticas centralizadas a la hora de construir los textos que el espectador interpreta a continuación...".

Segundo Curran, isso ocorre porque os textos dos meios de comunicação adotam a forma de uma *polissemia estruturada*, ou seja, "los símbolos denotativos en los textos dan entrada, en mayor o menor grado, a las interpretaciones de las audiencias según ciertas formas preferidas, incluso aunque éstas puedan ser - y en ocasiones sean - rechazadas" (CURRAN, 1998, p. 402).

Ademais, afirma Curran:

(...) las audiencias no tienen un repertorio infinito de discursos en los que basarse al adaptar los significados de la televisión. La ubicación de los individuos en la estructura social tendrá a determinar a qué discursos tienen acceso inmediato. Esto, a su vez, influye en la gama de 'lecturas' que podrán derivar del contenido de los medios de comunicación (id ibid. p. 403).

A assertiva de Curran pode se confirmar, pela análise que fizemos de alguns programas, apresentados no rádio e na televisão, que foram apontados pelos entrevistados como de sua preferência. Podemos observar, neles, o uso de determinadas "fórmulas" para garantir as audiências. Lembramos, porém, que se o uso de certas fórmulas nos enseja uma idéia de padronização, esta não se realiza plenamente, em razão da diferenciação social e da complexidade que envolve o processo de produção simbólica.

Em razão dessa complexidade, há que se contemplar tanto os contextos particulares de produção, circulação e consumo das formas simbólicas, como os contextos sócio-históricos mais abrangentes que comportam esse processo e as relações de poder que permeiam essas diversas instâncias.

Concordamos com Thompson (1995, p. 180), quando este afirma que as diversas formas simbólicas

são sempre produzidas ou realizadas “em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos, providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade” que lhes são conferidos socialmente.

Lauretis (1984) cita diversos fatores que estão presentes na construção das imagens e nos processos de percepção e de significação. Segundo a autora, intervêm na criação de imagens fatores históricos como os discursos sociais e as codificações de gênero, intervêm também fatores como as expectativas da audiência, a produção inconsciente, a memória e a fantasia.

No caso específico, o pólo de onde emergem as formas simbólicas – o contexto midiático – está representado por algumas emissoras locais e nacionais de rádio e televisão, identificadas como sendo da preferência dos entrevistados².

Os fenômenos significativos, “uma vez realizados, circulam, são recebidos, percebidos e interpretados por indivíduos situados [também] em circunstâncias sócio-históricas particulares, utilizando determinados recursos para captar o sentido dos fenômenos” (THOMPSON, 1995, p.180).

Segundo Lauretis (1984), a percepção não se dá de forma direta como supõe o senso comum, mas através de uma série continuada de conjecturas, em virtude de conhecimentos e expectativas prévias, ainda que inconscientes. Nem a percepção nem a significação são reproduções diretas e simples (cópia, mimese, reflexo), já que os signos são produzidos sempre em um contexto comunicativo, o que pressupõe que sua (re)produção está:

(...) siempre incluida en un acto de habla; siempre (...) dentro de un proceso de enunciación y de interpelación que exige la proyección de otros elementos o la pertinencia de otros rasgos, y ello también implica recuerdos, expectativas, decisiones, dolor, deseo: en suma, toda la historia discontinua del sujeto (LAURETIS, 1984, p. 93).

A compreensão dos processos de produção simbólica exige que consideremos tanto o lugar social dos entrevistados – o que fizemos, tomando como variáveis classe social, cidade/região de origem, lugar de residência, ocupação laboral, escolaridade etc. – como o universo simbólico do qual fazem parte, com seus repertórios e recursos estéticos, que podem ser identificados a partir de certas categorias que aparecem em suas falas e que são apontadas em estudos sobre cultura popular.

Uma outra característica dos fenômenos culturais, apontada por Thompson, é que estes podem ser vistos como *expressão das relações de poder*, servindo, em situações específicas, para manter ou romper tais relações, estando sujeitos a “múltiplas, talvez divergentes e conflituosas interpretações, pelos indivíduos que os recebem e os percebem no curso de suas vidas cotidianas” (THOMPSON, 1995, p. 180).

Concordando com o pressuposto de que a cultura é também palco da luta social, Bakhtin destaca a dimensão lingüística da luta de classes, enfatizando a idéia segundo a qual cada comunidade lingüística ou social, aparentemente unificada, caracteriza-se pela existência de uma *pluralidade de vozes*, representando posicionamentos sócio-ideológicos distintos – o que ele denomina de *heteroglossia* – mediante a qual a língua se transforma no espaço de confronto das ênfases sociais diferentemente orientadas (BAKHTIN, 1997).

O processo que envolve a comunicação midiática se dá em contextos sócio-culturais caracterizados pela diversidade, tanto do ponto de vista subjetivo como coletivo, comportando conflitos, contradições etc. A produção, a circulação e o consumo das formas simbólicas são afetados por essa heterogeneidade, não só em nível do *vivido*, já que os sujeitos envolvidos no processo de comunicação ocupam lugares sociais diferenciados e possuem vivências específicas, como também no âmbito do *concebido*, pois os diversos discursos sociais representam e se fazem representar por uma *pluralidade de vozes* que negam a existência de uma consciência única e apontam para vários registros, possibilitando o confronto das ênfases sociais diferentemente orientadas.

CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA. O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS

Um primeiro dado que consideramos relevante para traçar o perfil dos entrevistados e o fato de serem, na sua maioria, migrantes. A migração aparece como um marco na vida dessas pessoas. Suas histórias são semelhantes. Vieram para a capital em busca de melhores condições de vida. A carência de trabalho para os pais, de escola para os filhos, a dificuldade de sobrevivência material aparecem, no discurso dos entrevistados, como as principais causas da migração para Fortaleza. Sabemos, porém, que não se trata de uma situação pessoal, embora atinja pessoas, mas de uma condição de privação coletiva. A impossibilidade de escolarização e de profissionalização, bem como a falta de emprego nas localidades de origem são vistas como fatores que impedem a concretização de um projeto de “melhorar de vida”, que geralmente envolve o grupo familiar (SARTI, 1996), o que leva as famílias a buscar oportunidades em centros urbanos considerados mais adiantados.

A questão da privação nos remete, por sua vez a uma discussão sobre os fenômenos da pobreza e da exclusão – categorias sociais que têm sido frequentemente empregadas nas análises sociológicas do contexto brasileiro. Segundo Martins (2003, p. 18) – o que vulgarmente chamamos de “pobreza” se concretiza em uma série de privações: “privação de emprego, privação de meios para participar do mercado de consumo, privação de bem-estar, privação de direitos, privação de liberdade, privação de esperança”.

De acordo com Martins, as políticas econômicas atuais, antes de serem políticas de exclusão, devem ser concebidas como políticas de inclusão precária e marginal. O autor faz críticas ao emprego do conceito de exclusão na explicação da pobreza, dizendo que a ideia de exclusão é limitada e insuficiente, porque as implicações da exclusão e as reações que dela advêm não se dão fora dos sistemas econômicos e dos sistemas de poder. Ao contrário: “elas constituem o imponderável de tais sistemas, fazem parte deles ainda que os negando (...) elas ocorrem no interior da realidade problemática, ‘dentro’ da realidade que produziu os problemas que as causam” (MARTINS, 2003, p. 14).

Veras, discorrendo sobre as ideias de Martins, a respeito dos processos de exclusão – inclusão, afirma:

— *A sociedade capitalista nasce com excluídos; e sua máxima é respeitar o mercado desenraizando e brutalizando a todos – essa é sua regra estruturante para depois incluir – segundo sua própria lógica. O camponês por exemplo vai para a cidade pretendendo ser operário industrial. Só que a nova dinâmica capitalista exclui e demora para incluir e aí começa a tornar visível o que se chamou de exclusão (VERAS, 2004, p. 40).*

Alem da produção e reprodução de relações marginais, resultantes dos processos de exclusão – inclusão Martins evidencia a presença de um outro aspecto, que é a criação de uma ideologia do consumo que alimenta o imaginário social. Essa ideologia, segundo ele, pode ser observada na fala do migrante e não deve ser compreendida como pertencente ao trabalhador e sim aqueles que o dominam e exploram:

A fala do migrante é quase sempre, dominada pela lógica da mercadoria e do dinheiro, da quantidade e do coberto pelo fascínio do maravilhoso e ditadura das coisas que podem ser compradas e vendidas. O maravilhoso se torna mais amplo e poderoso em relação a coisas que, justamente, vivem no mundo limitado da carencia (MARTINS, 2003, p. 41).

Apesar de não termos contemplado, em nossa pesquisa, questões relacionadas ao consumo – sabemos que este revela-se como um poderoso elemento de controle social, encoberto de forma astuciosa por uma aparência de “libertação das necessidades” do desabrochamento do indivíduo, de prazer e abundância” (BAUDRILLARD, 2003, p. 82). Não podemos deixar de considerar o indiscutível papel da mídia nesse processo – que traz como resultante a construção de um tipo de sujeito denominado por Baudrillard de

“ego consumans”. Dominado pela ideologia do consumo, ele está atomizado e alienado, sendo poucas as chances de tomar consciência de sua condição, pois “a *possessão* dirigida de objetos e de bens de consumo é individualizante, dessolidarizante e desistoricizante” (BAUDRILLARD, 2003, p. 86).

No caso dos entrevistados, os baixos salários são um impedimento concreto para a realização dos sonhos de consumo. A maior parte deles ganha em torno de hum a três salários mínimos, como poderá ser verificado, no quadro que se segue sobre o perfil dos entrevistados:

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

<i>Sexo</i>	<i>Feminino: 9 Masculino: 6</i>
Idade média	38,6 anos
Local de nascimento	Cidades do interior do Estado do Ceará: 10 Cidade de Fortaleza: 2 Interior do Piauí: 1 Duque de Caxias (RJ): 2
Local de residência (em Fortaleza)	Bairros da periferia: 7 Favelas em bairros de classe média: 4 Mora no emprego: 2 Bairro Aldeota: 1 (mora c/a sogra) Bairro Varjota: 1
Situação conjugal	Vivem maritalmente: 8 Solteiros: 4 Separados: 3
Filhos	Sim: 11 / Não: 4
Escolaridade	Ensino Fundamental incompleto: 8 Lê e escreve com dificuldade: 5 Ensino Médio incompleto: 1
Ocupação	Serviços domésticos: 9 Porteiro: 4 Serviços Gerais: 1 Arte finalista: 1
Renda	1 a 2 salários mínimos: 7 2 a 3 salários mínimos: 6 3 a 4 salários mínimos: 1 mais de 4 salários mínimos: 1

Fonte: Pesquisa Direta

HÁBITOS E PREFERÊNCIAS, EM RELAÇÃO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Praticamente, todos os entrevistados informaram que ouvem rádio ou assistem televisão pelo inte-

resse de saber das notícias: “para ficar bem informado sobre aqui e o mundo”. A instantaneidade do rádio foi lembrada por um dos entrevistados e, por outro, a facilidade com que a televisão transporta o público para outros lugares, aonde dificilmente poderia ir:

As notícias do mundo... notícias lá dos Estados Unidos... não tô lá [estou] longe e peguei essa notícia agora... (Francisco).

Estas são algumas das características dos meios de comunicação que encantam os entrevistados. Ao dizerem, porém, de seu interesse em “ficar bem informado” e, ao mesmo tempo, citar os programas *João Inácio Junior* e *Barra Pesada* como aqueles de sua preferência, os entrevistados apontam para algumas questões importantes que merecem ser discutidas. Uma delas diz respeito ao tipo de programa no qual vão buscar as informações. O programa *João Inácio*, por exemplo, é classificado como um “programa de variedades”, que oferece ao público uma mistura de elementos, contemplando relatos sobre crimes, assaltos, fatos considerados espetaculares, tragédias, histórias jocosas, dando ênfase às transgressões sexuais, através do uso de uma linguagem licenciosa e do comico, que se materializam na figura de um dos personagens — o Seu Jereba. Apesar de fornecer algumas notícias, não há uma abordagem objetiva da notícia, nem uma preocupação com a veracidade do fato relatado, já que a finalidade do programa é muito mais o entretenimento e a promoção de um espaço de sociabilidade (SANTOS, 2004)

O programa *Barra Pesada*, apesar de ser classificado como noticiário, dá também prioridade a relatos sobre crimes, assaltos, estupros etc., sendo considerado um programa “sensacionalista”. Dessa forma, uma outra questão se coloca: que tipo de informação buscam os entrevistados?

— *O jornal eu acho bom, pra ficar mais assim... sabendo as coisas do mundo, o que está acontecendo, o que está passando, principalmente assim: morte, roubo, essas coisas... (João).*

— *Quando alguém mata alguém, um pai estupra uma filha, aí eu sempre gosto de parar para escutar aquela estória... (Francisca).*

As “coisas do mundo” que causam maior interesse aos entrevistados são, portanto, em primeiro

lugar, os relatos que versam sobre crimes, assaltos, acidentes, catastrofes diversas — um tipo específico de notícia que apela para os sentimentos e a emoção, denominada de *fact divers*, e que podemos encontrar, com frequência, em noticiários como o *Barra Pesada* ou em programas como o do João Inácio Junior.

— *Assisto também o Gugu mas só gosto daquela parte: ‘De volta a sua casa’. E assim como [quem] mora no interior, aí vem aqui para Fortaleza. Aí depois se arrepende de ter vindo e não tem como voltar. Aí ele ajuda a pessoa a voltar para os seus parentes... É muito emocionante. Às vezes eu choro (...). No rádio [também] a gente vê a pessoa lá pedindo e, menos de dois, três minutos o telefone toca... uma pessoa doando: ‘Óh, eu tenho uma cadeira de roda usada mas tá boa pode mandar buscar. E dela!’ Ah! Isso é muito importante! (Francisca).*

As diversas formas de violência e os dramas existenciais, citados pelos entrevistados, como aqueles assuntos pelos quais mais se interessam, são temas que colocam em evidência, principalmente, o universo das classes populares, dando visibilidade a situações por elas vivenciadas em seu cotidiano. Este fato nos levou a formular uma hipótese: poderíamos estabelecer relação entre o mundo que se descortina nas narrativas apreciadas pelo público entrevistado e suas vivências concretas? E, caso seja possível, por que haveria o desejo de vivenciar, no plano simbólico, situações existenciais que já são tão duras de serem enfrentadas na vida concreta? Estaria este fato relacionado a um determinado gosto, um referencial estético, presente no imaginário daqueles sujeitos?

A compreensão dessas questões nos levou a explorar o campo da cultura popular, devendo esta ser compreendida como um processo dinâmico, que permite a materialização e expressão do modo de viver e de pensar das classes populares, das suas estratégias de sobrevivência e da maneira como se apropriam das formas simbólicas, integrando as coisas que vêm de sua memória histórica (BARBERO 1997,

p. 105). Segundo Barbero, esta memória é reativada pela mídia, através do uso de determinadas matrizes da cultura popular, que possibilitam aos sujeitos se reconhecerem em certas maneiras de proceder e de representar, identificando-se como pertencentes a uma comunidade cultural.

A mídia porta um conjunto de dispositivos de intercâmbio que proporciona apoios imaginários à vida prática e vice-versa. É através desses dispositivos que se estabelece uma ponte entre o real e o imaginário e a comunicação entre essas duas dimensões. Será nesse intercâmbio que se efetivará a construção de sentido, de práticas cotidianas e de produção cultural, criando modos de apreensão específicos a certos sujeitos.

O tipo de discurso informativo que atrai os entrevistados resulta de uma fusão da informação com o imaginário, sendo este representado por substratos da cultura popular como o cômico e o folhetim ou melodrama, gêneros extraídos do “realismo grotesco”.

O grotesco, ou “realismo grotesco”, como é denominado por Bakhtin (1996, p. 16) pode ser definido como “uma concepção estética da vida prática que caracteriza a cultura cômica popular” na Idade Média e no Renascimento, e a diferencia claramente das culturas dos séculos posteriores. Trata-se de uma percepção histórica⁴ que rompe profundamente com os cânones da estética clássica, que possui uma concepção idealizada do corpo. Também essa expressão é comumente associada ao desvio de uma norma expressiva dominante, seja referente a costumes ou a convenções culturais.

Será no grotesco, ou seja, no realismo grotesco, que o popular encontrará o sentido de um realismo que funcionará por exagero e degradação, não por mera cópia. Nessa concepção do real, há uma transferência do que é considerado espiritual, abstrato, ideal e elevado para o plano do material, do corpóreo, do que vem de baixo. A grosseria, a blasfêmia, revelam-se valiosas, para expressarem o grotesco, que se materializa num corpo imperfeito, com suas protuberâncias e funções consideradas menos nobres como a comilança, a digestão, o coito, a gravidez, o parto, a defecação etc.. É, precisamente, uma topografia que valoriza o baixo (a terra, o ventre), afirmando o inferior e não o alto - o céu, o espírito.⁵

O realismo grotesco retrata “um mundo em que o corpo ainda não foi fechado, pois o que faz com que o corpo seja corpo são precisamente aquelas partes pelas quais se abre e se comunica com o mundo: a boca, o nariz, os genitais, os seios, o ânus, o falo”. Trata-se de uma concepção na qual “o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica”:

No realismo grotesco, o elemento material e corporal é um princípio profundamente positivo, que nem aparece sob uma forma egoísta, nem separado dos demais aspectos da vida. O princípio material e corporal é percebido como universal e popular, e como tal opõe-se a toda separação das raízes materiais e corporais do mundo, a todo isolamento e confinamento em si mesmo, a todo caráter ideal abstrato, a toda pretensão de significação destacada e independente da terra e do corpo. O corpo e a vida corporal adquirem simultaneamente um caráter cósmico e universal [...] (BAKHTIN, 1996, p. 17).

O rebaixamento, que se opera através da “degradação do sublime” e da aproximação da terra, é ambivalente, pois a terra simboliza, ao mesmo tempo, um princípio de absorção e de nascimento: “quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor” (BAKHTIN, 1996, p. 19). Para Bakhtin, a degradação “não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também positivo, regenerador”.

Em Sodré e Paiva (2002),

O grotesco é aí, propriamente, a sensibilidade espontânea de uma forma de vida. É algo que ameaça continuamente qualquer representação (escrita, visual) ou comportamento marcado pela excessiva idealização. Pelo riso, ou pela estranheza, pode fazer descer ao chão tudo aquilo que a idéia eleva alto demais (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 39).

1 no estudo de Bakhtin, que primeiramente as relações entre o grotesco e a cultura popular serão evidenciadas, perfazendo um trajeto histórico de desvelamento da estética grotesca presente na cultura do povo.

O grotesco, integrado à cultura popular, faz o mundo aproximar-se do homem corporifica-o, reintegra-o por meio do corpo a vida corporal (diferentemente da aproximação romântica, totalmente abstrata e espiritual). (BAKHTIN, 1996, p. 34).

Baseados na obra de Bakhtin, Sodré e Paiva (2002) apontam também a relação existente entre o grotesco e a cultura popular, afirmando que:

[...] só a ligação com a cultura popular e que da margem ao correto entendimento do fenômeno, uma vez que concebe o corpo grotesco como um corpo social cujo princípio está contido "não no indivíduo biológico, não no ego burguês, mas no povo, um povo que está continuamente crescendo e se renovando" (SODRÉ, e PAIVA, 2002, p. 58).

Para Bakhtin, o realismo grotesco significou uma ruptura com os cânones estéticos tradicionais (no sentido de dominantes), fornecendo, ao povo, elementos simbólicos de ligação entre o cósmico, o social e o corporal, de forma universal e utópica. Essa função ira, porém, aos poucos desaparecendo, com o processo de massificação cultural. Ao perder sua significação regeneradora, as imagens da vida material do corpo se transformam em 'vida inferior'. Tudo o que diz respeito ao inacabamento ou à imperfeição do corpo (as funções do baixo corporal, o parto, a gravidez etc.) passa, a partir de então, a fazer parte de uma esfera íntima da vida:

A vida sexual, o comer, o beber, as necessidades naturais, emigrando para o âmbito da vida privada e da psicologia

individual, tomam um sentido limitado, específico, "sem relação alguma com a vida da sociedade ou do todo cósmico. Na sua nova acepção, eles não podem mais servir para exprimir uma concepção do mundo como faziam antes" (BAKHTIN, apud SANTOS, 2004, p. 37).

A despeito de toda esta transformação, Bakhtin afirma que traços do realismo grotesco podem ser identificados ainda hoje, citando o circo como um dos espaços que permitem a sua expressão, mesmo que de forma atenuada.

Barbero (1997), por sua vez, tomando Bakhtin como referência, analisa o processo de apropriação, pela mídia, de matrizes da cultura popular (e o grotesco seria uma das vertentes), mostrando como os meios de comunicação recuperam um 'sensacionismo' que enoja as elites enquanto constitui um 'lugar' de interpelação e reconhecimento das classes populares (BARBERO, 1997, p. 18).

Em nossa pesquisa, estivemos atentos as narrativas produzidas pela mídia, em especial o rádio e a televisão, buscando identificar aqueles traços apontados pelos diversos teóricos que estudamos, podendo também observar a predominância de gêneros estéticos, como o grotesco, em noticiários sensacionalistas, como é o caso do *Barra Pesada*. A predileção dos entrevistados por este tipo de narrativa permite, da mesma forma, validar o argumento daqueles autores quanto à presença, nos meios de comunicação, de elementos (matrizes culturais como denomina Barbero) que possibilitam aos sujeitos das classes populares ativar sua memória, reconhecendo-se naquelas narrativas.

Resta-nos, porém, identificar, nos relatos dos entrevistados, os conteúdos (imagens, representações, valores) presentes nas diversas narrativas apresentadas pelos meios de comunicação, e que servem para dar significado às suas vivências e experiências cotidianas. É o que faremos, a seguir, no último tópico, que não deve ser interpretado como conclusivo, e sim como uma reflexão que oferece algumas pistas para novas investigações sobre o tema.

REFLEXÕES FINAIS: A VIDA REFLETIDA NATV

Do lado do enunciado é a interpelação à experiência das pessoas que escutam: aproximando o estranho do cotidiano, descobrindo-o entre suas dobras – a mãe, a mãe amorosa, a que não vive senão para sua família, foi ela que matou o filho! – e conectando a experiência individual com o curso do mundo em forma de refrões e provérbios, de saberes que conservam normas, critérios para classificar os fatos em uma ordem com a qual enfrentar a incoerência insuportável da vida (BARBERO, 1997, p. 318).

Quando entrevistamos nossos colaboradores, pedimos que relatassem fatos ouvidos através do rádio, ou vistos na televisão e que os tivessem impressionado. A maior parte das narrativas por eles apresentadas dizia respeito a crimes praticados de forma perversa. Porém, nos chamou a atenção nesses relatos o fato de a indignação dos entrevistados, contra a violência praticada, se dá em razão de certas qualidades ou características atribuídas às vítimas, como: ser inocente; ser muito jovem ou ser idoso; estar desprevenido, sem poder reagir; ser honesto, trabalhador, pobre, negro:

— (...) *uma perversidade! Matar um padre que não faz mal a ninguém!* (Laurinda).

— *Foi a morte dessa criança... Uma tia pegou a criança de seis meses... Degolou... Uma perversidade, tirar do colo da mãe!* (João).

— *Matou todas as pessoas que vinham dormindo.* [A respeito de um acidente de ônibus] (José).

— (...) *vinha andando na rua... Batalhou muito pelo estudo. Tinha um sonho de se formar para ajudar a família. Aconteceu isso talvez por ele ser negro.* [Sobre o assassinato de um

jovem recém formado em medicina, por policiais]. (Val)

— *Uma senhora idosa, morta a pauladas!* (Iara).

— *Bichinha de sete meses! Pegou a criança dormindo!* (Dorinha) [referindo-se ao assassinato de uma menina por uma mulher que havia tido um relacionamento com o pai da criança].

— (...) *São pessoas adolescentes, que estão começando a viver...quem sabe eles não teriam ainda muitas coisas...a gente sente assim, já pensa na família da gente, nos adolescentes que a gente tem.* (Francisco) [sobre o assassinato de um casal de adolescentes].

— *O que mais me chamou a atenção foi o estado da mãe...mora num quatinho, sem energia, sem fogão, sem geladeira... Não tinha nada. Só uma velinha no canto e uma cama lá no cantinho, só o colchão pra se deitar em cima...* (Francisca) [Referindo-se ao caso de uma criança de dois meses que tem um problema grave de saúde e cuja mãe vive numa situação de miséria absoluta, sem condições para tratar o filho].

Praticamente todas as falas apontam para situações em que as vítimas encontram-se indefesas. O que mais comove os entrevistados é, portanto, o fato de a violência ser dirigida a pessoas desvalidas e desamparadas socialmente. Velho, em seu artigo denominado “As vítimas preferenciais” (1987, p. 3-4), afirma que as vítimas da violência, no Brasil, têm sido, historicamente, os grupos indígenas, os negros, os operários e camponeses, enfim, os grupos subalternos, em geral, estando a violência relacionada aos seguintes fatores:

Em primeiro lugar, há o já citado problema da desigualdade da distribuição de renda, das condições de

vida em termos da concepção do que seja uma sociedade moderna, minimamente harmoniosa. E há também uma questão ligada à própria constituição da sociedade brasileira, e que pode estar relacionada com a escravidão. Nossa sociedade construiu-se sobre uma desigualdade que, durante muito tempo, foi mais ou menos controlada por relações de reciprocidade baseadas em certas crenças comuns que, aos poucos, foram se esborçando. Essa relativa unidade, essa certa homogeneidade, sustentou a sociedade e impediu que nela se instaurasse um estado de guerra. Mas a situação foi mudando e, de certa forma, não é exagero dizer que estamos praticamente nesse estado de guerra em vários lugares do país e em várias situações (VELHO, 1987, p. 3).

A violência que incide sobre as classes sociais desprivilegiadas não é, portanto, apenas aquela caracterizada pela criminalidade, mas uma violência social que se corporifica nas desigualdades e formas de exclusão. Pela complexidade de que se reveste, por um lado, e pela dificuldade de ser eliminada, por outro, acaba sendo assimilada como componente normal das relações sociais. Essa "naturalização" da violência deve-se aos hábitos, aos costumes e às leis que a mascaram e nos levam a suportá-la como condição inerente às relações humanas (ODÁLIA, 1983, p. 30-31). Sua perpetuação é garantida pelas hierarquias sociais (de classe, etnia, gênero etc.) e legitimada pela dominação simbólica, exercida pelos grupos e classes dominantes, os quais possuem o poder de construir e impor representações e valores definidores do mundo social mais conforme aos seus interesses". Segundo Odália,

O ideal de dominação é aquele que a configura como resposta aos desejos do dominado, fazendo-o crer que é a origem e o objeto das medidas restritivas. Para que isso ocorra, é preciso que ele interiorize e tenha como suas idéias que não lhe pertencem (ODÁLIA, 1983, p. 54).

Uma dessas idéias, disseminada no imaginário social, é a de que a violência se traduz na criminalidade, sendo esta a única forma de comportamento anti-social que deve ser temida e reprimida. Segundo Sussekind, essa visão

(...) legítima a continuidade da prática de deixar à margem da lei uma série de situações negativas à sociedade e define previamente os autores da sensação de violência difusa ou não apreendida no meio social (...). A estrutura socioeconômica e política, que de fato mina a realidade (...) não transparece como violência. Esta é caracterizada apenas como o roubo, o estupro, o homicídio especialmente quando não foram praticados por ricos contra pobres, por policiais ou por maridos ciumentos. Nestes casos trata-se de acidente, dever ou defesa da honra (SUSSEKIND, 1987, p. 11).

Nessa perspectiva, são sempre os indivíduos das camadas desfavorecidas aqueles apontados como autores da criminalidade:

Apenas eles são encontrados nas prisões. Seu aspecto é inconfundível, e em tudo semelhante ao das pessoas que transitam pelo país, ocupadas nas piores tarefas do mundo do trabalho, mendigando ou buscando oportunidades de emprego (...). Usando uma aproximação rápida, temos uma classe social inteira colocada sob julgamento e suspeita permanentes. Assim, já sabemos de quem provém a violência. Temos, portanto, um tipo de comportamento e um autor de comportamento previamente eleitos e estereotipados, sobre os quais recai nossa revolta. Compartilhar com eles o cotidiano social significa lutar para bani-los ou isolá-los (SUSSEKIND, 1987, p. 11).

tra grupos sociais tradicionalmente estigmatizados, o que faz desse campo de interpretação uma maneira de resistência contra as diversas formas de opressão a que estão submetidos.

Foi com base nessa nova postura, presente em estudos culturais contemporâneos, que efetivamos esta pesquisa, buscando revelar, através da apreensão do contexto vivido pelos sujeitos das classes populares e de suas formas de apropriação e interpretação das mensagens, uma outra faceta (comumente ignorada ou desprezada por abordagens reducionistas sobre a comunicação), que coloca em evidência o papel ativo das audiências, no processo de produção de sentido, afirmando sua existência como atores sociais.

NOTAS

- 1 Ver Thompson (1995), Barbero (1997), Curran e Morley (1998).
- 2 As emissoras de rádio citadas pelos entrevistados como preferidas foram a FM-93, valorizada por sua programação musical, com destaque para as "músicas de forró", e a Rádio Verdes Mares AM – destacando-se o programa *João Inácio Júnior*, um programa de variedades, campeão de audiência, há mais de 20 anos. No que se refere às emissoras de televisão, foram apontadas a Globo e o SBT, sendo as novelas e os noticiários os mais assistidos. O programa de televisão apontado como o preferido pelos entrevistados – o *Barra Pesada* – é produzido pela TV Jangadeiro, uma afiliada do SBT. Trata-se de um programa que noticia fatos do contexto da criminalidade e presta serviços de utilidade pública.
- 3 Termo usado para designar um tipo de narrativa utilizada pela imprensa sensacionalista com a finalidade de causar escândalo. São considerados *fait divers* os crimes horrendos, suicídios por amor, acontecimentos misteriosos, casos de aberrações físicas etc.
- 4 Os autores fazem um rastreamento dos usos e formas de expressão do grotesco no campo artístico, evidenciando a prosperidade de um substantivo outrora com uso restrito à avaliação estética de obras de arte e que agora "torna-se adjetivo a serviço do gosto generalizado, capaz de qualificar figuras da vida social como discursos, roupas e comportamentos".
- 5 Ver Martim-Barbero, 1997, p. 94 e Bakhtin, 1996, p. 23.
- 6 Bakhtin (1996) Barbero (1997) Sodr e e Paiva (2002) entre outros
- 7 De acordo com Barbero (1997) os dois principais g neros, herdados da cultura popular, e que se fazem presentes na m dia, são o cômico, que vem do realismo grotesco, e o melodrama, que nasce no teatro e posteriormente é introduzido no rádio, através das radionovelas. Na atualidade, o melodrama pode ser identificado em programas radiof nicos de variedades, através

de suas narrativas fantásticas e, na televisão, nas telenovelas e nos relatos dramáticos dos noticiários sensacionalistas. O melodrama caracteriza-se pelo uso de estratégias visuais e sonoras com a finalidade de despertar sentimentos básicos como medo, entusiasmo, dor e riso. O que marca o melodrama é o seu forte sabor emocional. (BARBERO, 1997, p. 157-162).

- 8 Ver BOURDIEU, Pierre – *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, cap. I.
- 9 Em uma outra ocasião, que não a da pesquisa, tivemos a oportunidade de conversar com um empregado doméstico que prestava serviços de jardinagem em uma residência em Fortaleza e este comentou que não gostava de ir ao centro da cidade porque quando ele transitava pelas ruas, as mulheres, ao passar por ele, seguravam a bolsa.
- 10 Um outro estudioso que comunga com a mesma visão de Barbero, e por ele é citado,   Lechner, N., cuja obra se intitula: *La conflictiva y nunca acabada construcción del orden deseado*. Santiago: Flacso, 1984.
- 11 Lechner, 1984 p. 26.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- _____, Mikhail. *Est tica da cria o verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____, Mikhail. *Problemas de poética em Dostoiewski*. Rio de Janeiro: Forense Universit ria, 1997.
- BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios  s media es: Comunica o, cultura e hegemonia*, Rio de Janeiro: URFJ, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*: Lisboa: Edi es 70, 2003.
- CURRAN, James. Repensar la comunicación de masas. In: CURRAN et al. *Estudios culturales y comunicación: análisis, producción y consumo cultural de las políticas de la identidad y el posmodernismo*, Paidós: Barcelona, 1998, p.187-254 – El nuevo revisionismo en los estudios de comunicación: una evaluación. In: CURRAN et al., mesma obra citada acima, p. 383-415.
- LAURETIS, Teresa de. *Alicia ya no: Feminismo, semiótica, cine*. Madrid: Cátedra, Col Feminismos, 1984.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão Social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MORLEY, David. Populismo, revisionismo y los "nuevos" estudios de audiencia in CURRAN et al. *Estudios culturales y comunicación...*, Paidós: Barcelona, 1998.
- SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. *G nero e Comunica o*:

- o masculino e o feminino em programas populares de rádio.*
São Paulo: Annablume, 2004.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.* Campinas: Autores associados, 1996.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco.* Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- STAM, Robert. Mikhail Bakhtin e a crítica cultural de esquerda. In: KAPLAN (org). *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*, Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SUSSEKIND, Elizabeth. *A manipulação política da criminalidade* in Revista Ciência Hoje, encarte sobre violência, p. 11-12, 1987.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, Petrópolis: Vozes, 1995.
- VELHO, Gilberto. *As vítimas preferenciais.* In: Revista Ciência Hoje, encarte sobre violência, p. 2-3, jan/fev, 1987.
- VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Exclusão social – um problema de 500 anos. In SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.* Petrópolis: Vozes, 2004.